

APresentação

TRANSBORDAMENTOS INFINITOS: A Dramaturgia CONTEMPORÂNEA

Paulo Eduardo Carvalho
Alexandra Moreira da Silva

Na verdade, não se trata de desumanizar o drama em nome de um qualquer modelo "mecanicista", mas sim de produzir obras contra naturam e de preferir à imitação rígida do belo espetáculo da Natureza a livre variedade dos monstros.

Jean-Pierre Sarrazac

>>

Este volume dos *Cadernos de Literatura Comparada* reúne a maior parte das comunicações apresentadas no Colóquio Internacional "Transbordamentos Infinitos: A Dramaturgia Contemporânea", organizado pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, nos dias 4 e 5 de Dezembro de 2009, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Na sequência da publicação de um conjunto de estudos e de testemunhos sobre tradução de teatro (*Cadernos de Literatura Comparada*, Teatro em tradução, nº12/13) e antecipando a abertura do curso de Mestrado em Estudos de Teatro, pretendeu-se empreender uma reflexão crítica alargada sobre os mais variados processos de "desterritorialização" do drama, o mesmo é dizer da notória e permanente renovação que caracteriza a condição da escrita dramática contemporânea, partindo do reconhecimento de que o carácter híbrido das dramaturgias contemporâneas é uma realidade cuja análise implica, hoje, a consciencialização de novos paradigmas, susceptíveis de darem conta das constantes mutações da forma dramática que se afirma e se coloca para além do espaço meramente genológico.

A partir de finais do século XIX, e sobretudo ao longo de todo o século XX, os espaços da escrita dramática tornam-se instáveis e inquietos, inspirando-se não raras vezes na diversidade de práticas artísticas e interdisciplinares que estão na origem do importante desenvolvimento da cena contemporânea.

Para dar conta das diferentes mutações no *corpo do drama*, Jean-Pierre Sarrazac propõe, entre outros, os conceitos de “rapsodização” e de “transbordamento”: é a própria forma canônica do drama, a forma regular do “belo animal” aristotélico, que *extravasa* graças à pulsão rapsódica – pulsão de irregularidade, nas palavras do autor – presente no drama moderno e contemporâneo. Este transbordamento estará na origem de uma multiplicidade de formas caleidoscópicas cujas texturas rítmicas exploram sistematicamente as noções de tempo e de espaço, dando lugar à ação distendida que caracteriza o drama-da-vida. Em rutura com a dimensão teleológica do pensamento de Peter Szondi, Jean-Pierre Sarrazac propõe-nos uma ampla e estimulante reflexão sobre a passagem do drama-na-vida ao drama-da-vida, afastando-se do conceito szondiano de “crise” e mostrando que, ao “acolherem a desordem”, autores tão diversos quanto Ibsen, Strindberg, Beckett ou Kane mais não fizeram do que afirmar a reinvenção permanente do drama.

Na continuidade do pensamento de Jean-Pierre Sarrazac, e subscrevendo a ideia de uma “crise sem fim” que permite renovar e reinventar a forma dramática, Christine Zurbach recorre ao conceito freudiano de “inquietante estranheza” (*Das Unheimliche*), e oferece-nos um estudo aturado da dramaturgia de Maria Ndiaye, refletindo sobre as relações estreitas entre teatro e narrativa no teatro contemporâneo.

Maria de Jesus Cabral parte da análise de três dos mais originais espetáculos de Denis Marleau – *Les trois jours de Fernando Pessoa* a partir de António Tabucchi (1997), *Les Aveugles* de Maurice Maeterlinck (2002) e *Comédie* de Samuel Beckett (2004) – e explora o movimento constante entre textualidade, corporalidade e sonoridade nas “fantasmagorias tecnológicas” do encenador canadiano, refletindo sobre os diferentes *transbordamentos* que a relação texto/cena pressupõe. É também a partir da cena que o investigador José da Costa analisa o trabalho cénico-dramatúrgico de duas das mais importantes companhias brasileiras sediadas na cidade de São Paulo – o Teatro da Verti-

gem e o Teatro Oficina. O recurso à rapsodização terá sido decisivo para uma nova conceção de teatro político, à qual não será alheio o investimento numa teatralidade assumidamente performativa que visa um maior envolvimento dos públicos.

Elfriede Jelinek é reconhecidamente uma das mais controversas autoras contemporâneas. A contribuição da investigadora, tradutora e dramaturgista Vera San Payo de Lemos dá-nos a conhecer a prolífica produção metateatral da autora austríaca, e apresenta uma esclarecedora reflexão sobre o processo de desconstrução da linguagem que estará na origem de um “teatro de vozes” subversivo e experimental. A partir da análise de *Nuvens. Casa* (1993) e de *Rechnitz* (2008) Vera San Payo de Lemos põe em evidência a estreita relação entre “método estético” e “conteúdo político” que claramente sustenta a dramaturgia de Elfriede Jelinek. Ainda no âmbito das dramaturgias europeias contemporâneas, a investigadora e também tradutora Sebastiana Fadda apresenta algumas das mais inventivas configurações dramáticas atuais em Itália, através de um percurso que inclui autores tão diversos quanto Dario Fo, António Tarantino, Spiro Scimone, Ascanio Celestino e David Enia. Ao investirem num discurso narrativo e monologado, estes autores criam variantes de um teatro testamentário que cruza a memória e a ficção. É precisamente de memória e de testemunho que nos fala Maria Helena Serôdio numa importante e muito pertinente reflexão sobre a evocação da Guerra Colonial no Teatro português no último quartel do século XX. Ao abordar três textos contemporâneos escritos em três décadas diferentes – *Um Jipe contemporâneo* de Fernando Dacosta (1979), *O Sentido da Epopeia* de Mário de Carvalho (1989) e *Às vezes Neva em Abril* de João Santos Lopes (1998) – a partir de José Gil, Eduardo Lourenço ou Jacques Derrida, a investigadora e diretora do Centro de Estudos de Teatro da FLUL identifica e comenta a questão do trauma, reportando-a à constituição da identidade/alteridade enquanto especificidade dramática.

Voltamos à escrita cénica com Rui Pina Coelho que se debruça sobre a tentação de “um teatro de textura romanesca”

>>

na cena portuguesa contemporânea. Interrogando o gesto de adaptação, e levando a cabo uma aturada reflexão sobre as relações entre a Literatura e o Teatro, o crítico e investigador analisa um conjunto de espetáculos apresentados nos palcos portugueses entre 1994 e 2008. A provar a atualidade da interpelação dos processos de adaptação dramatúrgica de textos narrativos, Jorge Palinhos dedica particular atenção a dois trabalhos recentes de autores portugueses contemporâneos – *A História da Ilha do Tesouro* de Stevenson, de Jorge Loureiro Figueira, e *Conto de Natal – Variações Dickens*, de Miguel Castro Caldas – associando ao conceito de adaptação os gestos de apropriação e de interpretação que estarão na origem da prática da reescrita. Miguel Ramalheite interroga a vasta questão da peça histórica a partir de uma profunda análise da peça *Germânia 3 Os espetros do homem-morto* (1995) do dramaturgo alemão Heiner Müller, refletindo sobre os processos mullerianos de reescrita da obra de Shakespeare e de Brecht.

É ao transbordamento das fronteiras teatrais que Francesca Rayner dedica o seu contributo. Partindo da teorização de Hans-Thies Lehmann sobre a questão do teatro pós-dramático (1999) e do ensaio *Plays* (1935) de Gertrud Stein, a investigadora analisa o espetáculo bilingue *Say it with Flowers* (2009) a partir da obra da autora norte-americana, com encenação de António Pires, apresentando-o como uma experiência teatral que, ao assumir-se fundamentalmente como espaço de energia e de emoção, desafia o discurso crítico e a relação com o espetador.

Pedro Eiras regressa à obra dramática de Carlos Pessoa, autor a quem tem dedicado particular atenção, aprofundando a vasta questão do transbordamento genológico e da metatreatalidade numa obra cujo hibridismo convoca e recicla “modelos abandonados” na busca permanente da “dramaticidade possível”. Manuela Veloso explora aquela que tem vindo a ser uma das questões fundamentais da sua investigação, o Vorticismo, atentando, desta vez, na peça do pintor e escritor Wyndham Lewis, *Enemy of the Stars*, inicialmente publicada na revista

BLAST, em 1914. Centrando-se na articulação entre a palavra poética e a imagem, a investigadora propõe uma ampla reflexão sobre a receção do abstracionismo literário enquanto suspensão da procura convencional do sentido. A ensaísta Joana Matos Frias aborda a obra da polémica autora inglesa Sarah Kane do duplo ponto de vista estético e ético, percorrendo as paisagens devastadas deste teatro da abjeção e do apocalipse através do interessante e pertinente conceito de *sublime*. Por fim, Paulo Eduardo Carvalho, co-organizador deste colóquio e do presente volume dos *Cadernos de Literatura Comparada*, dedica, uma vez mais, particular atenção à dramaturgia irlandesa contemporânea. Neste ensaio, o autor leva a cabo uma profunda reflexão sobre as qualidades dramáticas do monólogo que destabiliza e institui a heterogeneidade no consagrado território do diálogo dramático, dando origem a uma multiplicidade de formas híbridas da palavra solitária. Percorrendo uma vasta galeria de autores irlandeses, de Samuel Beckett a Brian Friel, passando por Mark O’Rowe ou Conor McPherson, Paulo Eduardo Carvalho põe em evidência a importância da tradição monológica que se afirma como gesto de testemunho de realidades sociais e políticas da Irlanda contemporânea.

>>

Ainda sobre teatro irlandês, na secção *Testemunhos*, reproduzimos a entrevista “Fundamental Sounds: An Interview with Tom Murphy” realizada por Paulo Eduardo Carvalho ao já mítico autor irlandês Tom Murphy, no dia 10 de Outubro de 2009, no Teatro Carlos Alberto, no âmbito do Festival Literário Irlandês. Na secção *Vária* contamos com dois estudos: Márcia Lemos reflete sobre os ocultos vasos comunicantes entre o conto “The Dead” (*Dubliners*), de James Joyce, e uma sequência de dezanove sonetos de Paul Muldoon; a partir de uma tese de doutoramento defendida na Faculdade de Humanidades da Universidade de Copenhaga, Signe Oerom propõe o conceito de “Realismo perspectivista” para abordar o romance português na última década do século XX e na primeira década do século XXI, tendo por base os romances *Materna Doçura* de Possidónio

Cachapa (1998), *O Suplente* de Rui Zink (2000), *O Rapaz de Botiicelli* de Mafalda Ivo Cruz (2001) e *do sol* de Jacinto Lucas Pires (2004). *Entre o sofá e o leito de morte* é o texto que fecha este número dos *Cadernos de Literatura Comparada*, uma recensão a *Dois Diálogos entre um Padre e um Moribundo*, de Marques de Sade / Nuno Júdice, proposta por Pedro Eiras que deste modo aclama a publicação do referido texto de Sade e do inédito *A Herança*, de Nuno Júdice, no volume que inicia a coleção de livros de bolso *Experimente no Sofá*, da editora Angelus Novus.

12>13

Resta-nos expressar a nossa mais reconhecida gratidão pela forma empenhada como todos os autores convidados a colaborar neste Colóquio e neste volume responderam ao nosso apelo. O nosso agradecimento, também, à Faculdade de Letras da Universidade do Porto pelo generoso acolhimento concedido ao Colóquio, ao Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa pelo acolhimento científico, à Dra. Lurdes Gonçalves, à Reitoria da Universidade do Porto, à Fundação para a Ciência e Tecnologia e às Edições Afrontamento pelos inestimáveis apoios.

Sigamos, então, o trilho destes *transbordamentos infinitos* e, como sugere Jean-Pierre Sarrazac, “penetremos sem medo no antro do monstro”. <<